



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO**

ELAINE INOCÊNCIO CAMPELO

**RELATÓRIO TÉCNICO DO DOCUMENTÁRIO
“CUNHANTÃ - MULHER RESISTENTE”**

**CAMPINA GRANDE/PB
2022**

ELAINE INOCÊNCIO CAMPELO

**RELATÓRIO TÉCNICO DO DOCUMENTÁRIO
“CUNHANTÃ - MULHER RESISTENTE”**

Relatório técnico apresentado ao curso de jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Jornalismo.

Orientador: Prof. Elane Gomes da Silva Oliveira

**CAMPINA GRANDE - PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C193c Campelo, Elaine Inocencio.
Cunhantã [manuscrito] : mulher resistente / Elaine Inocencio Campelo. - 2022.
32 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Elane Gomes da Silva Oliveira ,
Coordenação do Curso de Jornalismo."

1. Documentário. 2. Mulheres indígenas. 3. Índio Potiguara. 4. Índigenas. I. Título

21. ed. CDD 070.4

ELAINE INOCÊNCIO CAMPELO

RELATÓRIO TÉCNICO DO DOCUMENTÁRIO
"CUNHANTÃ - MULHER RESISTENTE"

Relatório técnico apresentado ao curso de jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Jornalismo.

Área de concentração: Produção audiovisual

Aprovado em: 28/07/2012

BANCA EXAMINADORA

Elaine Gomes da Silva Oliveira
Prof. Dra. Elaine Gomes da Silva Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ada Kesea Guedes Bezerra
Prof. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rostand Melo
Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Ao meu pai, “Zé Preto” (In memoriam), pela
confiança em mim depositada e pelos
momentos mágicos cheios de amor, que
refletiram na minha criação, dedico.*

“Ser mulher Potiguara é ter a delicadeza e a força em equilíbrio, é viver para sua gente. É ser, mãe, parteira, agricultora, marisqueira, conselheira tutelar, vereadora, artesã, cacique, liderança e acima de tudo uma guerreira.”

Povo Potiguara - Índios na visão dos índios – Potiguara.

AGRADECIMENTOS

Sou grata primeiramente ao diretor que planejou e roteirizou Cunhantã antes mesmo do meu planejamento: Deus. A Ele sou agradecida pelo constante amparo durante minha vida acadêmica. Mesmo longe de casa, Ele foi meu refúgio e apoio para prosseguir e cumprir a promessa que tinha planejado para mim, ainda em 2012. Agradeço à minha querida mãe, Maria de Fátima, pelas orações, apoio e confiança no meu potencial. Dona Maria abriu mão dos seus estudos para criar seus oito filhos. Sempre lutou com muita garra por nós, e à ela devo minha eterna gratidão e admiração.

O meu muito obrigada aos indígenas Potiguaras da Paraíba, por atuarem como facilitadores deste trabalho e por acolherem a ideia do documentário; em específico, às duas incríveis protagonistas dele: Luzia Fernandes e Nathália Galdino, além de suas respectivas famílias. À minha orientadora, Elane Gomes, pela ajuda e direcionamentos, à Ada Guedes, pela receptividade e empatia, e a Rostand Melo, por ser um professor amigo, sempre disposto a facilitar a jornada de seus alunos no espaço acadêmico.

Também quero agradecer ao meu namorado, Marcos Jéfferson, por ser um grande incentivador do meu trabalho e da minha luta. Aos meus amigos da graduação, em especial: Sarah Cristinne, Igor Batista e Thiago Pontes, por deixarem essa caminhada da graduação mais leve e alegre. Além do meu editor e grande ajudante deste processo, Gabriel Heitor.

Esse TCC é uma homenagem a todas as mulheres, todas as potiguaras e todas as indígenas que constroem a identidade do nosso país. Também é um troféu à minha família: Inocêncio Campelo. É mais que um trabalho de conclusão de curso, é uma ferramenta de representatividade, que eu, como mulher, nordestina, negra, e filha de agricultores rurais, tenho orgulho de apresentar. Sou a primeira, entre sete irmãos a concluir o ensino superior, mas tenho certeza e continuarei lutando para que eu não seja a última.

A todos, meu sincero e terno agradecimento.

RESUMO

O documentário “Cunhantã - Mulher resistente” busca retratar, através de uma base etnográfica, em um produto de aproximadamente 16 minutos de duração, a vida das mulheres indígenas, tendo como objeto de estudo as Potiguaras da Paraíba; representadas por Nathália e Luzia, ambas indígenas criadas na Aldeia do Alto do Tambá, na Baía da Traição, com 59 anos de diferença entre as gerações. Cunhantã tem potencial de manifesto, e tem como um dos intuitos principais fazer o espectador refletir sobre o papel feminino dentro da etnia, já que comunica, pela voz das protagonistas, suas histórias de resistência, além do acesso destas mulheres a oportunidades e direitos, e as mudanças que impactaram suas realidades, como a participação destas na sociedade indígena e não-indígena. Por meio dos depoimentos, foram enfatizadas as questões da luta por reconhecimento, seus gostos e costumes, e o desejo pela revitalização da cultura e saberes potiguaras, no contexto do século XXI. O relatório tem como objetivo demonstrar, a partir da descrição densa e do diário de campo, como foi tecido essa intersecção entre as histórias das potiguaras, relatar como ocorreu a aproximação com as fontes, o contato com o grupo social, a pesquisa e seus resultados, e a pós produção do produto midiático; destacando as descobertas e os esforços necessários para seu desenvolvimento, a partir da cosmovisão da pesquisadora.

Palavras-Chave: Documentário. Mulheres. Indígenas. Potiguara.

ABSTRACT

The documentary “Cunhantã - Mulher resistant” seeks to portray, through an ethnographic basis, in a product lasting approximately 16 minutes, the lives of indigenous women, having as object of study the Potiguaras of Paraíba; represented by Nathália and Luzia, both indigenous raised in Aldeia do Alto do Tambá, in Baía da Traição, with 59 years of difference between generations. Cunhantã has the potential of being a manifesto, and one of its main purposes is to make the viewer reflect on the female role within the ethnic group, as it communicates, through the voice of the protagonists, their stories of resistance, in addition to these women's access to opportunities and rights, and the changes that impacted their realities, such as their participation in indigenous and non-indigenous society. Through the testimonies, the issues of the struggle for recognition, their tastes and customs, and the desire for the revitalization of Potiguara culture and knowledge, in the context of the 21st century, were emphasized. The report aims to demonstrate, from the dense description and the field diary, how this intersection between the stories of potiguaras was woven, report how the approach with the sources, the contact with the social group, the research and its results occurred. , and the post-production of the media product; highlighting the discoveries and the efforts necessary for their development, based on the researcher's cosmovision.

Keywords: Documentary. Women. Indigenous. Potiguara.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	30
Figura 2 -	30
Figura 3 -	30
Figura 4 -	31
Figura 5 -	31
Figura 6 -	31
Figura 7 -	32
Figura 8 -	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 OBJETIVOS	7
2.1 Geral	7
2.1 Específicos	7
3 JUSTIFICATIVA	7
4 REFERENCIAL TEÓRICO	9
5 O DOCUMENTÁRIO EM PERSPECTIVA	10
6 METODOLOGIA.....	13
6.1 Cronograma de Execução	15
6.2 Pós-produção.....	16
7 DESCRIÇÃO DAS GRAVAÇÕES.....	17
7.1 Perfil 1 Nathália Potiguara	17
7.2 Perfil 2 - Luzia Potiguara.....	20
8 INTERSECÇÕES E RUPTURAS	22
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	30

1 INTRODUÇÃO

“Cunhantã”¹ vem do tupi, que significa mulher forte ou resistente, e é um documentário audiovisual sobre as potiguaras da Paraíba, onde descreve, através de um panorama, as histórias de vida de Nathália e Luzia; que são mulheres indígenas de gerações diferentes, mas pertencentes a mesma tribo e aldeia.

Porém, para falar das mulheres protagonistas deste trabalho, é necessário naturalmente falar sobre seu povo, pois este faz parte da construção identitária da sociedade como um todo, por conta do seu peso histórico e antropológico extremamente forte. Os Potiguaras fazem parte da família tupi, e provavelmente, são os únicos dentre outras etnias situadas no Brasil, a viver no mesmo lugar desde a chegada dos colonizadores, há mais de 500 anos. De modo geral, o povo potiguara é o único oficialmente reconhecido na Paraíba. Em termos de população, é um dos maiores grupos do Brasil e o maior do Nordeste, com cerca de 19 mil indígenas (FUNAI, 2012).

Com a reserva indígena mais antiga do país, desde a colonização, está disposta nos estados do Piauí, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e parte da Bahia. Os indígenas habitam 37 localidades, sendo 29 delas reconhecidas propriamente como aldeias. Além disso, também possuem forte presença nas áreas urbanas, sendo elas: Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, ambos municípios paraibanos. Os registros deste filme se passam nas cidades paraibanas de Baía da Traição e João Pessoa, e através da montagem, formam uma relação, ora de semelhança, ora de alteridade entre as histórias das duas protagonistas; uma nascida na década de 1940 e outra nascida no contexto dos anos 2000.

A ideia do produto, desde o primeiro momento, era realizar um panorama entre a vida de uma indígena mais jovem e uma indígena mais velha, habitantes do mesmo local, para entender o que mudou no intervalo de tempo que separam as duas gerações, tanto no contexto da realidade de suas vidas, como em relação às condições do seu povo. O trabalho se dedica, sobretudo, a compartilhar as vivências, gostos, dores e conexões com a ancestralidade desses dois perfis. “Cunhantã” foi construído em um formato que permitiu autonomia para que pudessem contar o que quisessem, e com o mínimo de interferência possível no enredo.

Foram usadas técnicas da etnografia para o seu desenvolvimento, como o método de Descrição densa, com base no pensamento Geertziano (1989). E é essa forma de contar

¹ CUNHATÃ. **Dicionário Ilustrado:** Tupi Guarani, 2015.
<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/cunhanta/>. Acessado em:

vivências e realidades que libertou o pesquisador de muitas amarras e pré-conceitos, ao mesmo tempo que facilitou a conexão com o objeto de estudo.

A etnografia, juntamente com a observação participante foram inicialmente usadas na antropologia como método para observar e descrever sociedades, que a priori, estavam distantes da realidade do pesquisador (MONTE -MÓR, 2004). Esse formato, atualmente, também carrega uma certa humildade, pois compartilha o poder da palavra e coloca o pesquisador no seu lugar de escuta, como coadjuvante.

Este é um diálogo novo, que inclui vozes anteriormente apagadas ou pouco audíveis, muitas geradas em lugares considerados como não centrais na produção teórica do mundo acadêmico (por alguns concebidos até hoje como periféricos, como 'terceiro mundo' etc.)(PEIRANO,1995, p.09)

Tendo em vista o silenciamento histórico do grupo social a qual essas mulheres fazem parte, e as constantes dificuldades e violências étnicas e de gênero que enfrentam (SOUZA., et al 2020), desde o passado até os dias de hoje, vê se necessário o produto em questão, já que opera como um espaço plural para dar voz a essas mulheres, e ouvir o que elas têm a dizer.

Quem são? Quais condições vivem? O que querem? Que caminhos trilharam para suas vidas? O que mudou nesse intervalo de 59 anos? A que medida a modernidade foi benéfica ou maléfica para sua ascensão e manutenção cultural? Qual o peso de ser mulher indígena no Brasil? Foram questionamentos como esses, que nortearam o produto.

Foi desenvolvido com recursos e equipe limitados, porém com o propósito muito claro, de trazer uma narrativa inclusiva, que de fato contribua para a representatividade feminina indígena, além de ajudar na abertura de reflexões e debates antropológicos e jornalísticos.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Compreender as histórias de vida e a luta das mulheres potiguaras da Paraíba, representadas por uma indígena mais jovem e uma indígena mais velha, naturais da Aldeia Alto do Tambá, na Baía da Traição.

2.1 Específicos

- Entender através de um paralelo de gerações a inserção dessas mulheres na sociedade;
- Descobrir o que tem de similar e de diferente nas realidades das personagens, no intervalo de quase cinco décadas;
- Apontar suas principais reivindicações e o acesso às oportunidades;
- Compreender os fatores sociais que impactaram nas suas condições de vida;
- Desenvolver um produto inclusivo e acessível sobre as potiguaras e disponibilizar no acervo especial da comunidade

3 JUSTIFICATIVA

“Cunhantã” funciona como espaço de escuta e observação no que tange as questões de gênero e antropologia. Constitui-se como uma narrativa diferenciada, sob o olhar feminino indígena, que permite a abertura de diálogos acerca das reivindicações e problemáticas que atingem este grupo.

É um produto integrador, que busca incluir as vozes que na mídia convencional não são protagonizadas ou priorizadas. Basta traçar uma reflexão particular sobre quantas vezes o tema “mulheres potiguaras” já foi ao ar nas emissoras de televisão, por exemplo. Ou sobre quantas vezes foi ouvido acerca das contribuições deste público para a construção da identidade local. Geralmente, grupos marginalizados encontram o registro audiovisual como uma segunda via para sua necessária visibilidade, e é exatamente esse um dos propósitos do filme em questão.

A etnia dos potiguaras é alvo de diversos estudos antropológicos por parte de grupos de pesquisas, e já foram pauta de alguns telejornais, a exemplo do programa Domingo

Espetacular², da Rede Record, e jornais locais, como o Jornal da Paraíba³. Apesar disso, observa-se, a partir da análise dos materiais veiculados, principalmente na TV aberta, que grande parte da cobertura ainda é composta de muitos paradigmas e estereótipos, com uma visão muito padronizada em relação ao indígena. Ao observar a narrativa jornalística, geralmente resume o povo à uma figura curiosa e folclórica, ainda possuindo uma visão eurocêntrica dominante. Ora, se já se fala pouco sobre as histórias dos povos, como um todo, menos ainda se fala sobre as mulheres pertencentes a eles.

O filme em pauta é pioneiro na temática e foi movido por um pensamento decolonial, de quebra de padrões, na tentativa de pluralizar os discursos na comunicação. Diferentemente dos meios de comunicação de massa, a produção não possui propósito de assumir os lugares de fala das mulheres ou estereotipá-las, do contrário, no produto desenvolvido, são verdadeiramente protagonistas dos seus enredos.

A importância e diferencial deste produto, também diz respeito ao estímulo à participação e representatividade. Do quanto é relevante para o próprio povo potiguara que irá assistir, ver a resistência e contribuições das suas companheiras de luta. É um exercício que vai além dos sentidos, já que serve como inspiração e como ponte de integração para meninas e mulheres indígenas com as tradições do seu povo.

Em concordância com Santos (2018, p.10):

Elas desejam serem reconhecidas enquanto mulheres, mães, guerreiras, trabalhadoras, compondo no seio da sua comunidade os papéis tradicionais que tanto se orgulham – como a maternidade e a educação das crianças – mas capacitando-se para lidarem com as novas demandas da sociedade marcada pelas hierarquias de gênero em que estão inseridas. (SANTOS, 2018, p.10)

Ademais, é educativo, e de pronto estará no acervo da comunidade para sua amostragem. Como também tem intuito de informar e quebrar preconceitos da sociedade convencional, funcionando como instrumento didático para trazer a reflexão sobre o potencial feminino indígena também para salas de aula, dentro e fora das aldeias.

² DOMINGO ESPETACULAR. Potiguar: Domingo Espetacular visita a reserva indígena mais antiga do Brasil. YouTube, 10 de outubro de 2016.

³ Índios potiguaras vivem clima de insegurança no Litoral Norte da Paraíba. Bom dia Paraíba. Globoplay, 17 de outubro de 2012.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Falar sobre as potiguaras da Paraíba é ter que trazer, obrigatoriamente, assuntos como gênero, cultura, etnia, etnografia e antropologia além de contextos que interferiram no modo de vida dessas mulheres, e do povo, com um todo.

Abordar sobre a questão de gênero tendo como enfoque cidadãs que integram duas sociedades com pensamentos diferentes, com ideologias que divergem, onde em ambas a representatividade feminina em espaços de poder é esclarecida por argumentos e leis singulares; é pisar em um terreno onde não possui lugar de fala, e reconhecer a grandeza e a profundidade do tema.

As mulheres, dentro da sociedade indígena são tidas como as protetoras e guardiãs dos valores culturais e como agentes responsáveis pela garantia de manutenção de seus povos (BROCHURE, 2018), e dentro dessa organização, conquistam seu espaço e válido reconhecimento, apesar de que, ainda há um longo caminho a percorrer rumo à igualdade em todas as esferas.

Para Potiguara (2018, p.03): “Sobre a questão de gênero, a luta tem sido dobrada pelo preconceito, desconhecimento, desinteresse dos envolvidos, tornando a situação das mulheres indígenas no Brasil cada vez mais invisibilizada e excluída.”

Direitos básicos e oportunidades encontram barreiras desde o início de vida das originárias. As políticas públicas chegam com atraso, assim como o espaço de participação como cidadãs. Em relação às potiguaras paraibanas, não se tem muito registro nos meios de comunicação acerca de suas histórias, impacto e importância dentro e fora das aldeias.

A luta e resistência feminina indígena é antiga, mas também é factual. A objetificação e violência por parte da sociedade nacional, para com essas mulheres, são movidas por um pensamento colonizador e fetichista, que relativiza os papéis que desempenham. Ao analisar a tese do sociólogo Gilberto Freyre, Sampaio (2015, p.07) declara:

Nesta interpretação da colonização do Brasil, as mulheres indígenas foram ditas pelo olhar eurocêntrico, androcêntrico, colonizador e patriarcal, que nega-as enquanto sujeitos, bem como generaliza as experiências e os diferentes papéis das mulheres nas sociedades nativas. (SAMPAIO, 2015, p.07)

A escrita deste relatório acontece há pouco mais de um mês da morte de uma menina Ianomâmi⁴, que segundo denúncias, foi estuprada por garimpeiros que atuavam próximos à

⁴ CNN Brasil. Ianomâmis denunciam garimpeiros por morte de criança. YouTube, 27 de abril de 2022.

Comunidade Aracaçá, em Roraima. A comoção da grande mídia, assim como a divulgação do crime, passou rápido. O que faz refletir sobre a marginalização tão alarmante e a urgência de passar o poder da palavra para esse grupo.

Sobre a violência sofrida pelas mulheres indígenas, através do contato com a sociedade nacional, Segato (2003, p.19-20), afirma:

Os contatos com a sociedade nacional através da presença de posseiros, grileiros, garimpeiros, fazendeiros, funcionários de empresas extrativistas, militares, comerciantes e missionários que atuam na região têm impacto sobre as mulheres indígenas causando muitas vezes imensos sofrimentos morais, psicológicos e físicos ao recrutá-las, desde muito jovens, para o trabalho doméstico em regime de semiescravidão, a prostituição formal ou informal e até o tráfico de drogas. O estupro torna-se mais frequente, assim como outras formas de agressão verbal e física. (SEGATO, 2003, p.19-20)

Em torno das questões culturais que as potiguaras estão inseridas, Moonen (2008), pauta a “Etnohistória dos índios potiguara”, e todos os fatores que impactaram a vida do povo em questão.

A partir de meados do Século XVII cessam por completo as informações sobre a cultura potiguara, de modo que é impossível analisar as mudanças culturais em sua dimensão histórica. Hoje, a quase totalidade dos Potiguara vive numa extrema pobreza, em péssimas condições habitacionais e sem o mínimo conforto material. Da antiga "cultura indígena", nada sobrou. Todos, sem exceção, vivem de acordo com os padrões culturais dos habitantes rurais não-indígenas da região. Há muito tempo falam somente a língua portuguesa. (MOONEN, 2008, p.12)

Consequente, para a compreensão do significado da cultura, no contexto macro, é de grande valia o estudo da antropologia interpretativa, em específico da descrição densa citada por Geertz (1989) – onde também se refere, através de ensaios, ao conceito de cultura como essencialmente semiótico.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura com o sendo essas teias e a sua análise; portanto, não com o um a ciência experimental em busca de leis, mas com o um a ciência interpretativa, à procura de significado. (GEERTZ, 1989, p. 15)

Para a compreensão mais clara de todo o trabalho de campo, também foi analisada a experiência de Grubits et al., (2005), com as mulheres das comunidades indígenas Bororo de Mato Grosso, Guarani/Kaiowá e Kadiwéu, do Mato Grosso do Sul.

5 O DOCUMENTÁRIO EM PERSPECTIVA

O documentário audiovisual também faz parte de um processo criativo do idealizador, e possui um compromisso com a apresentação da realidade. Para a concepção do filme, seja ele ficcional ou não, geralmente seguem-se etapas para o seu desenvolvimento. Esse processo inicia-se com

a escolha do tema a ser explorado, e continua com a escolha dos protagonistas da narrativa, com a escolha de locações, definição de cenas, possíveis sequências, até a escolha dos planos de filmagem e de todo o aparato técnico que trará qualidade ao produto. (SOARES, 2007)

Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da idéia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva. (SOARES, 2007, p.20)

Antes da abordagem sobre a especificidade do trabalho, é importante deixar claro a diferença entre o produto midiático escolhido – no caso o documentário – e o gênero jornalístico. De fato, há algumas proximidades de construção entre eles, principalmente referente ao discurso, todavia, divergem no que diz respeito aos efeitos usados para comunicar.

O fato de ser um discurso sobre o real e utilizar imagens in loco são características que aproximam o documentário do discurso jornalístico. A nosso ver, contudo, ele não é um gênero propriamente jornalístico. Enquanto o jornalismo busca um efeito de objetividade ao transmitir as informações, no documentário predomina um efeito de subjetividade, evidenciado por uma maneira particular do autor/diretor contar a sua história. Por isso dizemos que o documentário é um gênero essencialmente autoral. (MELO, 2013, p.27-28)

Sobre Cunhantã, acerca do trabalho de pesquisa que antecede o desenvolvimento do produto, teve início antes da pandemia do Covid-19, onde os Potiguaras já eram objeto de interesse, contudo, por se tratar de um grupo social no qual nunca havia tido contato, a busca por fontes foi intensa. Ao se tratar da escolha em torno da mulher indígena, as longas pesquisas me fizeram encontrar uma matéria escrita pelo portal A União PB⁵, que tratava de mulheres cacique que estavam fazendo história em Rio Tinto e Baía da Traição. Essa foi primordial para despertar o desejo de falar especificamente sobre a vivência feminina entre os potiguaras.

Joana, Cal e Nancy, as mulheres da reportagem citada, trazem representatividade às indígenas daquele povo, e foram, sem dúvidas, inspirações para o desenvolver de um produto sobre as histórias de outras protagonistas potiguaras. Depois dessa primeira filtragem, foi decidido que a aldeia estudada estaria localizada na Baía da Traição, distante 163,5 km de Campina Grande, Paraíba. Devido a facilidade de logística, e a quantidade de informações disponíveis naquela região. Diversas possíveis fontes apareceram durante o mapeamento, como o assessor do cacique geral das aldeias da região. Contudo, por conta da agenda de

⁵ MULHERES CACIQUE FAZEM HISTÓRIA E LIDERAM POVOS POTIGUARA NA PARAÍBA. A União, 2017. Disponível em: <https://auniaopb.gov.br/noticias/caderno_diversidade/mulheres-cacique-fazem-historia-e-lideram-tribos-dos-potiguara-na-paraiba-2>. Acessado em:

compromissos do líder e o aumento dos casos de Coronavírus, os encontros não puderam acontecer.

Para o estudo desse grupo tão singular e histórico, a internet foi uma grande aliada e facilitadora no mapeamento, isso por conta da distância das aldeias e pela ausência de conhecidos na região. A coleta de fontes, diante do contexto de distanciamento social que estávamos inseridos, foi, sem dúvidas, facilitada pelas mídias digitais - onde a “Revolução das Fontes”, fenômeno analisado por Manuel Chaparro, apresenta características e alcance ainda maiores (PINTO, 2000).

Graças aos dados e pesquisas ilimitadas das redes sociais, através de *hashtags* relacionadas ao povo potiguara e à prefeitura local, foram localizadas, no Instagram, duas contas de grande relevância para o estudo em questão: Iandê Potiguara (Organização política dos Potiguara da Paraíba) e APOINME (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo).

Após mais filtragens, identificamos possíveis protagonistas ou facilitadoras do documentário, como é o caso da jovem Nathália Galdino, filha do ex-cacique Nathan Potiguara. Para a produção do documentário, um dos objetivos norteadores era que este fosse inclusivo, integrador, e que falasse, de modo claro, aos sentidos do receptor, mas que principalmente, comunicasse com as indígenas, e não pelas indígenas; não assumindo, tal qual os meios de comunicação de massa, os seus lugares de fala. Também era necessário que nos atentássemos para não irmos por um caminho que reduzisse as significâncias desse grupo, sem levar em conta a especificidade de cada mulher indígena.

A qualidade da imagem, o balanço de cores, a sonoplastia limpa e sem ruídos seria, sem dúvidas, uma soma perfeita ao profissionalismo e estética do produto. Porém, por conta de limitações orçamentárias e tempo, o que me havia disponível como ferramenta de apuração e captação era apenas um celular e a necessidade de dar voz à resistência das potiguaras. Segundo o precursor da vanguarda do Cinema Novo, Glauber Rocha (2013), o cinema se faz com “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” - no caso do produto em questão, a câmera do celular.

Ainda parafraseando Rocha (2004, p.03), movido por sua necessidade de um modelo capaz de revolucionar realidades, escreveu na obra “Eztetyka do sonho”: “As raízes índias e negras do povo latino-americano devem ser compreendidas como única força desenvolvida deste continente. Nossas classes médias e burguesias são caricaturas decadentes das sociedades colonizadoras”.

Além das condições de trabalho escassas, o fazer documental e jornalístico foi fortemente impactado pela pandemia do Coronavírus, onde a conexão próxima com os

indígenas ficou bem mais limitada. Havia entre nós, distâncias significativas, socialmente e territorialmente. O primeiro contato aconteceu de maneira tardia por depender da disponibilidade de quem nos guiaria na região. Pois apesar dos indígenas já estarem acostumados com pessoas de fora da aldeia, antropólogos e pesquisadores no seu território, a presença desses representantes locais seria indispensável para o desenvolvimento das filmagens e para facilitar a interação com o povo.

Munida de um iPhone 7 e o desejo de investigar e ouvir o que as mulheres tinham a dizer, direcionei-me à cidade de Baía da Traição, para conhecer o local centro do estudo; a Aldeia Alto do Tambá, antiga Aldeia do Galego, distante 93,8km da capital paraibana. Escolhi a comunidade em questão por conta de ser a aldeia pertencente à minha primeira fonte, o que consequente facilitaria a logística para o contato com outras mulheres.

6 METODOLOGIA

O produto ora descrito utilizou-se do método de pesquisa qualitativa, no que diz respeito ao estudo e aplicação de técnicas da etnografia e observação participante, além da coleta de depoimentos e revisão de literatura antropológica e de gênero, para o seu desenvolvimento.

Iniciando pela investigação do grupo que seria estudado, para realizar a delimitação do objeto de estudo, com base nas informações disponíveis, foi necessário o estudo sobre práticas culturais, para a prévia compreensão do trabalho de campo e da observação etnográfica. O trabalho audiovisual e o presente relatório são baseados na descrição densa de Clifford C. Geertz (1989), presente no capítulo: “Descrição Densa: A antropologia interpretativa”, que reúne ensaios sobre o conceito de cultura.

A descrição seria responsabilidade do pesquisador, e trata-se da análise das sociedades e as peculiaridades que as rodeiam, presa na observação, para a decodificação de seu significado. Se fez necessário pois haveria o estudo de diferentes locais e fatos sociais, na prática. Para Geertz (1989, p.15): “Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças), eles estudam nas aldeias”.

Para um mapeamento mais amplo e por se tratar de um produto que também visa contribuir para os estudos de comunicação e jornalismo, foi realizada uma filtragem na internet, acerca de reportagens da TV aberta e documentários que falassem sobre as mulheres indígenas e especificamente, das potiguaras da Paraíba. Com as informações disponíveis, foi criado o projeto de pesquisa.

Por conta da dificuldade de entrar em contato com as fontes por outros canais, o meio foi ampliado, utilizando também as mídias digitais, no caso, o Instagram. Partindo dos dados encontrados nesse conjunto macro, foram traçadas algumas orientações provisórias, para o trabalho de campo a posteriori. No primeiro dia de campo foi dedicado à observação do comportamento das mulheres e suas famílias, além do contato com alguns moradores da comunidade. Na ocasião, foi usado o bloco de notas do celular para iniciar o diário de campo; e assim como a data foi dedicada a puramente ouvir e observar, também ficou como data para definir as participantes. Antes, estava no roteiro o interesse de gravar com mais uma indígena, que representaria a geração secundária, entre a mais jovem e a mais velha. Contudo, por conta da limitação de recursos e de tempo, não foi possível dar continuidade ao plano inicial.

Para uma melhor interpretação de como foi traçado o paralelo em “Cunhantã”, foi visto como relevante dividir o resultado do trabalho de campo com as protagonistas. Optou-se, então, por dividir em dois quadrantes: Perfil 1 – Nathália Potiguara (indígena mais jovem) e Perfil 2 – Luzia Potiguara (indígena mais velha). Posteriormente, em outra seção, denominada “Intersecções e rupturas” haverá a relação das análises entre os perfis.

É relevante citar que por conta da falta de dados demográficos sobre a população feminina potiguara para acesso à informação, houve também a tentativa de entrar em contato com organizações que possivelmente disponibilizariam. Algo muito importante para o mapeamento, era a informação macro acerca da quantidade de mulheres indígenas paraibanas, e a específica, sobre a quantidade de mulheres que fazem parte da etnia em questão. Houve o contato com secretarias do Governo do Estado da Paraíba, como a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, além do Centro da Igualdade Racial João Babula, que afirmaram que não possuíam as informações, e encaminharam o contato da presidente da Associação das Mulheres Guerreiras Indígenas Potiguara – AMGIP, chamada Comadre Guerreira. Comadre, tinha acesso ao dado, onde me revelou, que segundo o Painel SIASI 2022, a população feminina é de 8.622 pessoas, e a masculina 8.478 pessoas. Indicando assim, que as mulheres são maioria. Apesar disso, percebi que a informação não era pública, então para comprová-la, fui presencialmente ao Distrito Sanitário Especial Indígena Potiguara (DSEI). Na ocasião, fui aconselhada a encaminhar um ofício para o coordenador, solicitando a informação, que posteriormente confirmou os dados através do despacho.

Em relação às questões orçamentárias, o produto como um todo necessitou de um investimento razoável por parte da pesquisadora. Toda a parte de pré-produção e produção, como direção de som e fotografia, além de todo o trabalho de coleta e mapeamento ficou para uma única pessoa. Foi preciso o investimento em um aparelho celular de qualidade, no

deslocamento e alimentação em Baía da Traição, como também para arcar com custos na edição do documentário. Ao todo, foram investidos aproximadamente R\$3.000,00 reais.

No que diz respeito ao público-alvo, o filme tem classificação livre para todos os públicos, mas é direcionado, principalmente, a meninas e mulheres indígenas e não-indígenas, para funcionar como uma ferramenta de representatividade e didática.

6.1 Cronograma de Execução

TAREFA	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Pesquisa sobre a etnia	X								
Definição do tema	X								
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X		X			X
Conhecer a aldeia e definir as protagonistas			X						
Gravação I – Luzia				X					
Gravação I – Nathália						X			
Gravação II - Nathália							X		
Edição do documentário								X	X
Análise dos depoimentos e do diário de campo			X			X	X	X	X
Escrita do relatório							X	X	X
Entrega do produto e relatório									X
Apresentação do TCC									X

Como já foi dito, o trabalho de investigação começou bem antes, no início do ano de 2020, e a apuração propriamente dita, deu início, aproximadamente, em meados de novembro de 2021. O trabalho de campo, como um todo, teve duração de quatro meses, aproximadamente; tendo como base a agenda e contato com as fontes. Importante frisar que não foram quatro meses corridos, e sim, que as datas que estavam disponíveis para as gravações eram muito espaçadas, dessa forma, deu início em 29 de janeiro de 2022 com a observação primária e encerrou-se em 04 de maio de 2022, com a gravação de Nathália, em sua residência.

Desde a pré-produção até a pós-produção houve constante trabalho de pesquisa bibliográfica, para facilitar o desenvolvimento do produto e a interpretação dos resultados.

A análise dos depoimentos e do diário de campo também foi constantemente revisada para facilitar a descrição. No mês de julho de 2022, a edição e a escrita do relatório aconteceram

paralelamente. O cronograma acima não seguiu as datas que eram planejadas inicialmente, por conta dos recursos para a gravação, que foram conseguidos por conta própria, além do aumento de casos de Covid-19 e gripe na região.

6.2 Pós-produção

A etapa de pós produção tem um peso muito importante no audiovisual, mas em Cunhantã, principalmente, já que todo o documentário foi gravado pelo celular, sem qualquer aparelho que melhorasse a imagem ou sonoplastia. Caberia à edição, neste caso, a responsabilidade da melhoria da estética de um filme todo feito no digital.

Repassei os objetivos do produto e o material bruto para o meu editor, Gabriel Heitor Alves, e começamos a primeira etapa presencialmente, onde na ocasião, realizamos uma parte da decupagem técnica. Para Froemming (2002), decupagem é o processo que organiza o roteiro do filme num quadro com os detalhes sobre cada um dos planos captados.

Por ter uma base inspirada no etnográfico, não queria que houvesse falas de terceiros para servir de cobertura, ou uma interferência muito grande no espaço, que foi criado exclusivamente para a voz das indígenas. Também nos baseamos nos temas em comum que elas pautaram, como educação, para possibilitar no espectador, uma organização lógica.

Tinha em mente que esse paralelo de gerações teria que ficar bem nítido e equilibrado, mostrando que apesar de terem diferenças que as separam, também teriam conexões que as uniam. Alinhamos diversos pontos que iriam facilitar, a quem assiste, uma melhor interpretação das duas realidades, como o fato de que, em algumas cenas, o som ambiente atrapalhava o entendimento de algumas falas muito importantes, então, achamos melhor adicionar no início do documentário, essas informações preponderantes.

Tecer essa sequência e o tempo das cenas, estabelecer os cortes, as sonoras, os elementos visuais, a redução de ruídos, configurando a montagem fílmica de uma forma geral, aconteceram sempre com a concordância prévia entre eu, como diretora, que acompanhou todo o desenrolar das filmagens, e o editor, que recebeu o produto bruto. Foi um trabalho coletivo, que impactou positivamente na estrutura final.

Foram necessários, a partir das reuniões feitas por ambos, a solicitação de fotos do arquivo pessoal de Luzia, e um áudio para usar como som de cobertura, feito por Nathália. Também foi decidido, que em certos pontos da montagem, seriam adicionados marcadores com os temas que iriam abordar, além de um parágrafo sobre o povo potiguara no final do documentário, para ajudar o espectador a se situar.

No fim, Cunhantã conseguiu conectar as histórias, de forma que uma valida a outra, além de ser fidedigna às expectativas e à minha visão como cineasta deste documentário cultural.

7 DESCRIÇÃO DAS GRAVAÇÕES

7.1 Perfil 1 Nathália Potiguara

Nathália, moradora local nos confirmou que contaria um pouco da história dos seus e do seu território, que fica na parte mais “rural” de Baía da Traição. O deslocamento do centro da cidade foi por meio de uma motocicleta, que à medida que adentrava naquele cenário, menos ruas calçadas e mais belezas naturais e casas simples encontrava no caminho. Escola, igreja, mercados de artesanato local também agregavam ao espaço.

Com a jovem em questão, tivemos três encontros, por conta da sua agenda de compromissos e também porque ela foi a ponte para o contato com outras indígenas.

No nosso primeiro contato, não gravei nada, apenas ouvi. Fui recepcionada por sua família, que veio a somar na nossa conversa, com suas histórias e origens. Como seu pai, professor de tupi- guarani, Nathan Potiguara - que falava com muita riqueza da sua experiência como cacique, e com orgulho do empoderamento da filha. Nathália vem de uma família de liderança indígena. Seu pai começou na liderança quando ela tinha entre seus três ou quatro anos. Seu tataravô também foi representante do povo geral, conhecido como Tuxaua. Além deles, sua tia, Néli Mei também tem forte participação no movimento. Sendo assim, Tatá (que significa força em Tupi), como gosta de ser chamada, começou a observar o movimento bem cedo.

No dia do nosso primeiro encontro, ela contou como via a importância de um produto sobre a população feminina da aldeia. Muito engajada nas questões do seu povo, desde cedo, contou que com apenas dez anos, participou de um livro, organizado pela ONG THYDÊWÁ, o “Índios na visão dos índios - Potiguara”. No livro contém seu manuscrito, onde explica como é ser uma criança potiguara e suas perspectivas de futuro:

Ser uma criança Potiguara para mim é fazer parte de uma comunidade familiar pois vivemos entre laços familiares. Penso que no futuro por a maioria das pessoas da minha comunidade serem humildes posso ajudá-los na sua saúde, pois planejo me formar em medicina. Faço parte de um povo histórico, povo sofrido, mas que vem aprendendo buscar seu lugar na sociedade. Somos povo guerreiro e não desistimos dos nossos ideais. ”(RAFAELA, Nathália, 2010, p.24)

Hoje, com seus vinte e um anos, cursa enfermagem na Universidade Federal da Paraíba, e precisa se deslocar da aldeia para a capital paraibana, a fim de continuar seu ensino superior. Ficar longe da sua terra e do seu povo para ascender socialmente, é um desafio que ela enfrenta com muita resiliência, pude notar. Conteí mais detalhes sobre a proposta do produto e conforme alinhamos via rede social, o documentário seria disponibilizado para o acervo da comunidade. Ela me levou ao encontro da minha segunda protagonista, Luzia Potiguara, e de Néli Mei, sua tia.

Fui apresentada por Nathália e seu pai à Luzia, que nos recepcionou com um sorriso acolhedor no alpendre da sua casa. Percebi que a presença deles facilitou o alinhamento do propósito do documentário, e uma melhor aceitação da indígena. No intervalo de uma hora em que fiquei entre Nathália e Luzia, no mesmo ambiente, pude ter mais convicção da importância de ouvi-las. Escutei sobre casas de farinha, organizações e representações do povo dentro e fora da aldeia. Detalhes ricos sobre histórias singulares, que seriam captados, na medida do possível, nas gravações - o que aconteceria em uma outra data.

Após a conversa rápida com Luzia e sua promessa de que me ensinaria a pescar no rio, nos direcionamos à casa de Néli Mei, tia de Nathalia, para contarmos da proposta. Néli, no planejamento do produto, seria a terceira protagonista, mas por questão de tempo e logística de deslocamento, infelizmente não chegamos a gravar com ela. Conheci suas filhas e encontrei-a em trabalho remoto, ocupada entre livros e computador. Ao contar da ideia do documentário, e o objetivo de falarem suas dores, Néli se emocionou ao citar a dificuldade e a luta das mulheres indígenas, em específico das que, como ela, participam ativamente do movimento para mudar o status quo. Encerrei meu primeiro mapeamento no início da tarde do sábado, 28 de janeiro de 2022.

Meu segundo contato com Nathalia aconteceu fora da aldeia, em João Pessoa, nas dependências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nos encontramos no início da manhã do dia 1 de abril de 2022, onde acompanhei sua ida ao departamento de enfermagem, onde posteriormente ela iria seguir para o hospital universitário. Neste dia, ela me contou das dificuldades de ser estudante indígena no Brasil e do que precisa passar para se manter na cidade. Também explicou como é ser uma mulher ocupando esse espaço no ensino superior e da luta que enfrenta diariamente para representar seu povo naquele ambiente:

“A educação para buscar melhoria para o povo é de suma importância, contanto, eu sinto muita dificuldade estando aqui na capital e não estando no meu lugar, no meu território. Acho que a maior dificuldade é essa, além do ensino defasado que a gente tem. E chegar aqui e ter que se inteirar do conteúdo, ter que se adaptar, ter um bom

rendimento acadêmico, e também para permanecer e não sair desse local”.(Nathália Galdino).”⁶

Além dela, sua irmã, primos (as) e amigos da comunidade também estão no ensino superior, e vivenciam essa experiência de estar em um espaço acadêmico. Uma das formas de se manterem financeiramente na capital, é a ajuda de custos do Bolsa Permanência; concedida pelo Governo Federal.

Perguntei sobre sua rotina como universitária, e ela contou-me dos percalços e correria que enfrenta diariamente para assistir as aulas. Ela afirmou que estuda também para ter local de fala na sociedade, principalmente como mulher indígena, ciente que outras antes dela não tiveram a mesma oportunidade. Traçando um paralelo entre a Nathália criança, que escreveu na coletânea sobre os potiguaras, anteriormente citada, e a Nathália que me concedeu a entrevista, noto que ainda compartilham do mesmo objetivo: trazer uma saúde melhor para o seu povo. Me despeço dela próximo ao seu setor, onde vejo a cena singular, da indígena vestindo seu jaleco, para lutar por seu espaço e representar os seus.

O terceiro encontro com ela aconteceu no dia 04 de maio de 2022, às 09:00h da manhã, na sua residência, no bairro dos Bancários, na capital de João Pessoa. Foi necessário mais um contato por conta de sua disponibilidade para conversarmos por mais tempo. Começo perguntando quem é ela, da maneira mais límpida possível, e ela me responde citando seus antepassados, e como se sente conectada com a pluralidade de ser pertencente a seu povo histórico:

“Eu estou em um crescente aprendizado. Um crescente desenvolvimento de mim. Muitas vezes eu não me vejo individual. Não me vejo como uma pessoa sozinha, eu me vejo como parte de um povo. A todo momento que eu estou longe do meu território, ou até mesmo nele, eu me vejo como potiguara. ”.(Nathália Galdino).”⁷

Algo entre sua futura profissão e o grupo social do qual faz parte, teria no senso comum, uma certa divergência. Um tem ênfase no conhecimento científico, abominando a automedicação, por exemplo, e o outro que atua com base no conhecimento experimental ou empírico, norteados pela ancestralidade. Por conta da minha curiosidade, perguntei à Nathália se ela se sentia dividida entre essas duas concepções de ciência e se era possível equilibrar os dois no exercício da sua profissão. Ela me responde que constantemente as duas ciências entram em embate no espaço acadêmico, mas que para ela, os dois métodos são seguros e podem coexistir, sem que seja necessário um juízo de valor entre eles.

⁶ Relato de Nathália Galdino, retirado de entrevista concedida à autora, no dia 01 de abril de 2022.

⁷ Relato de Nathália Galdino, retirado de entrevista concedida à autora, no dia 04 de maio de 2022

Ela me relata o seu engajamento na defesa do seu povo. Quando era criança, chegou a escrever uma carta para a ministra do meio ambiente na época, Marina Silva, sobre os indígenas, para que seu pai levasse na viagem à Brasília. Acontecimento que fez com despertasse nela, mais vontade ainda de representar os potiguaras. Entre nossa conversa, perguntei se ela trazia consigo algum objeto do seu povo, para se sentir em casa. Nathália traz à mesa uma caixa com muitos brincos, colares e adereços indígenas. Emocionada, ela me mostra os seus preferidos; todos com muitas penas, presas e sementes coloridas. Para ela são mais que acessórios, são conectivos ricos em significado que ligam a Tatá Potiguara a seu território.

Ouvi falar sobre religião, estudos e os inúmeros encontros com outros povos, no qual já participou; a exemplo dos Guarani. Como jovem indígena, constantemente está presente em debates e eventos com jovens originários de todo o país; levando sempre como missão a melhoria da qualidade de vida dos seus.

Me despeço de Nathália pouco antes da sua aula começar; no início da tarde daquele mesmo dia.

7.2 Perfil 2 - Luzia Potiguara

Por conta de não possuir celular, e de necessitarmos da confirmação da data mais favorável, por meio de sua neta - que ficou sem WhatsApp alguns dias - o dia de gravação com Luzia aconteceu um pouco tarde do que pretendíamos. Apesar do empecilho para confirmarmos a visita, retornamos o contato e marcamos a data no feriado de carnaval. Cheguei às nove da manhã do dia 26 de fevereiro de 2022, na sua residência, e fui recebida com a mesma simpatia do nosso primeiro encontro. Nos reunimos na sua varanda, onde começou a indagar sobre minha origem e se eu conhecia algumas cidades na qual já estive. Até esse momento não tinha colocado o aparelho celular para gravar.

Desde a outra visita, a sua liberdade de andar de pés descalços tinha me chamado a atenção. Pois apesar de ser um costume para alguns indígenas, a nossa comunidade em questão estava tão conectada com costumes da sociedade não-indígena, que imaginei que não veria uma senhora com seus 80 anos dessa forma. Não que seja uma forma de rotular suas formas de viver, mas que cenas assim me mostraram que apesar de muitas vezes se adaptarem à modernidade, certas coisas permanecem. Luzia me contou com entusiasmo, a trajetória de seu filho e neta nas vaquejadas, e o quão era bonito ver eles correndo e ganhando prêmios nos eventos da região. Avisamos que iniciariamos a gravação dali, e prosseguimos.

Ela nasceu naquela aldeia, pelas mãos de uma parteira da época. Viveu com seus pais e mais nove irmãos, em casas de barro e palhas, em um cenário com baixas condições financeiras. Em todo o momento da nossa conversa Luzia falava sobre trabalho. Sobre como brocava o mato e pescava como ninguém. Sobre como sua identidade está inteiramente ligada à lida e à agricultura. A quantidade de trabalho que as mulheres exercem resulta em uma análise significativa cultural e de gênero (FERNANDES, 2016).

Ela pouco teve oportunidades. Estudou até no máximo a sexta série, em uma escola que ainda não possuía uma educação diferenciada para indígenas; inclusive, com a palmatória como método. Muitas vezes com fome, se alimentava de maracujás que garimpava pelo caminho. E se dividia, todos os dias, entre trabalhar no roçado e andar léguas para estudar.

O processo de reivindicação de direitos específicos, como a educação diferenciada e a saúde, começou para o povo a qual Luzia faz parte, durante a década de 1980, sendo estimulada pela demarcação das Terras Indígenas Potiguara (CANTERO, 2020).

A escassez de alimentos, fazia com que grande parte da comunidade, naquela época, se direcionasse aos rios da região em busca de peixes.

Com um samurá – cesto para carregar peixes - perto dos seus pés, somando à explicação, Luzia afirma:

“Com balainho, não era nem com o puçá. Era com um balaio; pescando mais minha mãe e outras mulher. Era tudo pobre; nesse tempo não tinha aposento, não tinha nada. A gente só se valia do rio, quando pescava. Mesmo assim com tudo isso, eu ainda ia pra escola” (Luzia Fernandes)⁸

Ela conta que uma parte ia pescar para garantir a comida do dia, e trazia para os que ficavam em casa. Também me falou de como preparavam cuscuz de farinha, papa d’água, e banana verde, como forma de se adaptarem e driblarem a fome.

Nas falas de Luzia, percebi muitas vezes que ela não se contentava em ficar em casa fazendo serviços domésticos, ou dependendo de outras pessoas para prover seu sustento. Ela tinha o atrevimento singular para assumir as rédeas da sua vida desde bem nova, quando acompanhava o pai na lida, e era a preferida para ajudá-lo na agricultura por conta da sua destreza. “Eram nove irmãos, mas quem mais trabalhou no cabo da enxada fui eu”, argumenta.

Afirma que com quatorze para quinze anos já brocava a terra e moía a mandioca manualmente; já que nesse tempo ainda não existiam casas de farinha. Diz que era tão pequena, que enquanto sua mãe moía a mandioca e ela cevava, acabou cortando o dedo no rolete; cicatriz que tem até hoje e que me mostrou como uma comprovação da sua coragem.

⁸ Relato de Luzia Fernandes, retirado de entrevista concedida à autora, no dia 26 de fevereiro de 2022.

Me diz que já sofreu muito, principalmente quando se casou e seu falecido marido, Pedro Soares da Silva, viajou para trabalhar no Rio de Janeiro. Ela ficou grávida e acompanhada dos outros filhos menores, provendo como mãe e pai, a subsistência.

“Passou um ano e seis meses. Aí que eu trabalhei. Mas também não dei o braço a torcer, e quando ele chegou achou tanta da lavoura que benzatedeus. Cavei lerão, brocava mato, porque não tinha dinheiro pra pagar um trabalhador. Plantava, alimpava(...) Quando ele chegou, achou mais do que ele deixou.”(Luzia Fernandes)⁹

Nasceu, cresceu, se casou, se tornou mãe e avó mas continua no trabalho até hoje. Com seus oitenta anos, ela ainda acorda antes das cinco da manhã e vai procurar tarefas para fazer. A idade não é empecilho para o seu labor diário; que é um dos seus maiores orgulhos. Também cultivava uma horta, que pedi para que me mostrasse. Ela me levou a algumas plantas medicinais, e explicou as enfermidades que curam. Sempre com uma sabedoria muito rica e integrando a ciência aos seus argumentos. Confia nas ervas, mas também confia nas vacinas e nos médicos.

Para ela, a modernidade trouxe melhores condições de vida, mas tirou o vigor da juventude para trabalhar mais. Vive cercada pela natureza, filhos e netos todos os dias e demonstra estar satisfeita por ter hoje, depois de décadas, uma aposentadoria para se manter.

Me despedi de Dona Luzia no começo da tarde, mas antes disso, ela me contou sobre o único vício que tem: fumar cachimbo. Também fez questão de acender e contar que fuma desde criança, mas já fez exames e viu que sua saúde está ótima.

À primeira vista, o segundo perfil desse documentário, reflete fidedignamente a imagem de uma mulher livre, forte e adaptável. Uma cunhantã, mãe de cinco filhos, avó de quinze netos, com uma história cheia de lutas e dificuldades. Que sabe bem quem é e o contexto que viveu, mas, talvez tenha perdido um pouco, ou nunca tenha tido oportunidade de entender as raízes do seu lado mais ancestral.

8 INTERSECÇÕES E RUPTURAS

No intervalo de 59 anos, muita coisa mudou, no que tange principalmente às condições de vida dos indígenas; tomando como norte nossas duas protagonistas. Uma nasceu em uma época que a caça, pesca e agricultura eram únicas alternativas de sobrevivência, já outra nasceu

⁹ Relato de Luzia Fernandes, retirado de entrevista concedida à autora, no dia 26 de fevereiro de 2022.

nos anos 2000, onde os tentáculos da modernidade já costuravam o desenvolvimento da sociedade, e as condições de vida, apesar de tudo, ainda eram superiores às do passado.

Lembrando que é importante fazer essa análise levando em consideração a época em que nasceram, o contexto sociocultural das criações e a constante interferência, muitas das vezes negativa, da sociedade não-indígena nas aldeias do povo Potiguara.

Os Potiguara perderam os privilégios, direitos e confortos que outrora possuíam. Foram obrigados a viver de acordo com as regras e os valores da sociedade nacional, mas ao mesmo tempo não tiveram pleno acesso a esta sociedade e à sua cultura. Perderam sua cultura tradicional - inclusive a língua e a religião - que foi substituída, na medida do possível, pela cultura regional. Mas não tiveram acesso a todos os setores desta cultura, e principalmente não àqueles que constituem um privilégio para a sociedade dominante. (MOONEN, 2008, p.12)

Em relação à educação, Luzia, apesar de dedicada, não pôde continuar seus estudos porque foi mãe bem jovem, e também precisava trabalhar na agricultura para garantir a sobrevivência da família. Já Nathália, foi impulsionada desde cedo a priorizar seu futuro, tanto que ainda criança, já sabia que queria seguir a área da saúde; além disso, a criação de políticas públicas inclusivas e o estímulo a uma integração do indígena no espaço acadêmico, advindas da modernidade, ajudaram-na a galgar o caminho no ensino superior.

No que tange a participação na cultura indígena, Luzia, apesar de ter nascido na aldeia e ser mais velha que Nathália, percebi que tem menos proximidade com alguns costumes que fazem parte da identidade do povo, como o Toré. Ela diz que prefere vaquejada e coco de roda. Notei que em vários momentos ela se distancia de assuntos, como relacionados às crenças e rituais indígenas, como se não concordasse com as manifestações. Talvez seja pelas cicatrizes que carrega, pela ignorância em relação à história do povo a qual faz parte, ou mesmo pela interferência dos costumes não-indígenas, adentrando cada vez mais no seu território e influenciando o reconhecimento da sua identidade. Já Nathália ama participar das festas tradicionais, se adornar e se pintar para melhorar as energias, além de participar de encontros e rituais de outras etnias para se integrar com outros povos.

Notei que com a histórica intervenção da igreja dentro da aldeia, muitas coisas acabaram sendo substituídas por outros comuns à sociedade não-indígena. O catolicismo e o protestantismo são muito fortes e batem constantemente de frente aos costumes e à ancestralidade dos originários. De acordo com Moonen (2008), em 1975 quase toda a totalidade dos Potiguara se autodeclaravam católicos. Hoje, Luzia é católica e Nathália não tem religião definida.

Ao abordarmos sobre a participação política e protagonismo no movimento, a mais jovem, por conta do estímulo da sua família de lideranças e o incentivo que recebe desde

pequena, é extremamente conectada com os direitos e interesses do seu povo. Espaço que Dona Lú – como me acostumei a chamar Luzia – nunca teve a oportunidade de priorizar, já que o contexto que estava inserida pouco abria espaço para as reivindicações femininas e muito menos sobre debates relacionados à identidade, que gerassem representatividade. Era época de focar na sobrevivência.

Há intersecções entre as duas realidades, tomando como base a estrutura e a cadeia de acolhimento que as cercam, assim como diferenças acerca de comportamentos, direitos e deveres das mulheres perante as duas sociedades das quais fazem parte. Isso não as fazem menos indígenas, menos mulher, menos guardiãs das próximas gerações.

(...)Em alguns casos, será necessário generalizar e politizar a categoria “mulher”, pois, através das culturas, ela mantém uma “diferença” e uma “história” comum de um tempo muito longo que se confunde com a história mesma da espécie. Trata-se de uma história de um sofrimento compartilhado em que mulheres de todas as culturas podem reconhecer-se e a partir do qual podem construir uma identidade comum, apesar das imensas diferenças. (SEGATO, 2003, p.08)

O tempo possibilitou que as mulheres das gerações mais atuais tivessem, apesar de com um oceano de atrasos, o acesso a mais oportunidades; oportunidades essas que permitem a revitalização e melhoria da qualidade de vida dos seus. Nathalia me mostrou que essa nova geração quer lugar de fala, quer lutar pelos seus povos, quer participar das decisões, quer mudar o *status quo*.

Conforme Monagas (2006, p.142):

A participação das mulheres nos assuntos comunitários, nas organizações de mulheres e no movimento indígena, embora tenha esbarrado com uma série de entraves, tem sido o propulsor da busca por 'direitos iguais' e 'direitos específicos', contra as variadas violências, pela formação prática e profissionalizante das mulheres e participação ativa nos assuntos gerenciados até então pelas lideranças masculinas. (Monagas, 2006, p.142).

Luzia demonstra que a dedicação no trabalho para sustentar sua descendência, que a inquietação, a proatividade na pesca e na agricultura, a independência do marido, e a realidade emergente da fome e do analfabetismo, era o cenário que representa muitos enredos de histórias de vida de mulheres indígenas das gerações mais antigas. Seu perfil reforça que apesar de calejada, a sua geração carrega vontade de liberdade, proteção e a necessidade de compartilhar saberes.

Há uma teia de significados tecida através das duas realidades. Não há a possibilidade de categorizar os comportamentos analisados como regra geral, já que há múltiplas interpretações em relação aos fatos sociais. Contudo, esse paralelo serve como reflexão sobre as condições de vida emergentes do passado - que refletem até hoje na descendência de muitas

índigenas – e do necessário estímulo para a revitalização das tradições e saberes étnicos para a manutenção da história potiguara.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido como uma forma de pluralizar os discursos na comunicação e abrir espaço para a escuta da mulher indígena potiguara, tendo como ênfase do enredo duas protagonistas, nativas da mesma aldeia.

Diante disso, a produção teve como objetivo geral compreender a vida e a luta das potiguaras da Paraíba, sob a análise de duas gerações distintas. O objetivo foi atendido porque o trabalho permitiu uma análise bem estruturada das duas realidades. É importante frisar que é impossível estudar cartesianamente todos os elementos da cultura, principalmente somada às questões de gênero. Sendo assim, “compreender” a significância do objeto de estudo é um trabalho que só está começando, e possui múltiplos significados.

Em torno dos objetivos específicos, buscava-se entender a inserção dessas mulheres na sociedade, descobrir o que tem de similar e de diferente nas realidades das personagens, apontar suas principais reivindicações e o acesso às oportunidades, entre outros. A partir da observação, da análises dos depoimentos e pesquisas teóricas, conclui-se que grande parte dos objetivos específicos foram atendidos, contudo, sabe-se que há uma necessidade de aprofundamento na realidade, para a eficácia de uma análise mais completa de alguns deles.

A hipótese foi confirmada no que tange às diferenças entre os perfis, por conta da idade, e pelo aumento de oportunidades, que ocorre com o passar dos anos. Entretanto, foi refutada ao deduzir que a mais velha, por ter vivido em um contexto com costumes mais vivos e uma cultura mais revitalizada, seria mais apegada a questões ancestrais e a mais nova teria menos aproximação, por conta de ter nascido em um contexto mais moderno. Mas, na verdade, a mais jovem tem mais aproximação com as tradições e luta por manutenção cultural, enquanto a mais velha prefere manifestações da sociedade convencional.

O problema de pesquisa era investigar qual a realidade de vida das mulheres potiguaras da Paraíba. Considera-se, a partir dos dois perfis estudados, que essa realidade foi interferida pelo contexto social e histórico que estavam inseridas, que impactam diretamente no acesso a oportunidades e na conquista de direitos. Sendo assim, com base na descrição dos perfis, especificamente, o problema foi respondido, porém percebe-se a necessidade de mais pesquisas e trabalho de campo, para a resolução mais eficiente e completa.

A metodologia, por meio do método interpretativo da etnografia e da descrição densa para o detalhamento da experiência, foi suficiente para o desenvolvimento do trabalho. Os estudos sobre gênero e antropologia foram fundamentais para a compreensão dos acontecimentos. Houve limitações que impactaram diretamente na qualidade do trabalho, como

a limitação geográfica, que impactou na quantidade de gravações e visitas, que foram reduzidas. O estudo também teve limitações financeiras, para o investimento em equipamentos modernos, para uma captação de imagem e som mais profissional. Além disso, com a pandemia do Coronavírus, houve a mudança de rota das gravações algumas vezes, por conta do aumento de casos na região. A pesquisa de campo teve um certo atraso, já que a flexibilização da quarentena só aconteceu recentemente. Também compreende-se como empecilho para o desenvolvimento as poucas informações recentes, presentes em fontes confiáveis, tanto na literatura e no audiovisual, quanto no acesso às informações demográficas em relação à população feminina potiguara. Por ser um documentário pioneiro na temática, a investigação foi intensa.

Para a facilitação do trabalho dos próximos pesquisadores, recomenda-se incluir as redes sociais como meio para busca por fontes, já que há escassez de informações sobre o tema em outros canais; além de que, percebeu-se que a população indígena potiguara e algumas organizações que representam o povo, têm forte presença nessas redes. Graças à praticidade de aproximação nesse meio digital, todo o alinhamento com as fontes para o desenvolvimento do documentário, ocorreu de modo mais eficiente.

Outrossim, o produto foi finalizado, mas a pesquisa sobre as questões de gênero e cultura na etnia das potiguaras, não encerra aqui. “Cunhantã” deu apenas o primeiro passo, para que outras produções audiovisuais e jornalísticas com temática similar, sejam uma realidade cada vez mais frequente, trazendo o protagonismo das múltiplas vozes, que são constantemente silenciadas.

REFERÊNCIAS

AUTRAN, Arthur; TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. Summus Editorial, 2004.

CANTERO, Angela López et al. **A educação superior indígena do povo Potiguara sob uma perspectiva decolonial**. 2020.

CÉLIA SACCHI MONAGAS, Angela. **União, luta, liberdade e resistência: as organizações de mulheres indígenas da Amazônia brasileira**. 2006.

CNN Brasil. **Ianomâmis denunciam garimpeiros por morte de criança**. YouTube, 27 de abril de 2022.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Mulheres indígenas**. Brasil, 2018.

DE LIMA, A. S. et al. **Índios na visão dos Índios: Potiguara**. 1. ed. Salvador: Thydêwá, 2011.

DE MELO, Cristina Teixeira Vieira. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002.

DE SOUZA, Adriana Uassuri; OLIVEIRA, Edileia Santiago; DOS SANTOS, Juvana Evarista. **A MULHER INDÍGENA E O PROTAGONISMO DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA**. Emblemas, v. 17, n. 01, 2020.

DOMINGO ESPETACULAR. **Potiguar: Domingo Espetacular visita a reserva indígena mais antiga do Brasil**. YouTube, 10 de outubro de 2016

DOS SANTOS, ELISABETE LEÃO SALES. **GRUMIN: O PROTAGONISMO DAS FILHAS DA TERRA NO MOVIMENTO INDÍGENA POTIGUARA DA PARAÍBA ENTRE 1980-1995**.

FERNANDES, João Azevedo. **De cunhã a mameluca: a mulher tupinambá e o nascimento do Brasil**. Editora Universitária, 2003.

FROEMMING, Liliane Seide. **A montagem no cinema e a associação-livre na Psicanálise**. 2002.

GEERTZ, C.; DENSA, A. **Interpretação das Culturas-Descrição. Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**; 1989. Rio de Janeiro.

GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan; PEDROSO, Maíra. **Mulheres indígenas: poder e tradição**. Psicologia em Estudo, v. 10, p. 363-372, 2005.

Índios potiguaras vivem clima de insegurança no Litoral Norte da Paraíba. Bom dia Paraíba. Globoplay, 17 de outubro de 2012.

MONAGAS, Ângela Célia Sacchi. **União, luta, liberdade e resistência: as organizações de mulheres indígenas da Amazônia brasileira**. 2006. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Recife, 2006.

MOONEN, Francisco. **Os índios potiguara da Paraíba**. Universidade Federal da Paraíba, Editora Universitária, 1982.

MULHERES CACIQUE FAZEM HISTÓRIA E LIDERAM POVOS POTIGUARA NA PARAÍBA. A União, 2017. Disponível em:

<https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno_diversidade/mulheres-cacique-fazem-historia-e-lideram-tribos-dos-potiguara-na-paraiba-2>. Acessado em:

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. 1995.

PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. 2000.

POTIGUARA, Elaine. **Situação das mulheres indígenas no Brasil**. Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales, n. XI, p. 19-21, 2018.

ROCHA, Glauber. **Eztetyka do sonho**. Glauber Rocha: Del hambre al sueño, Buenos Aires, Fundación Eduardo F. Costantini/MALBA, p. 47-49, 2013.

SAMPAIO, Paula. **Silêncios e palavras na rede de significados sobre as mulheres indígenas no Brasil**. XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, 2015.

SEGATO, Rita Laura. **Uma agenda de ações afirmativas para as mulheres indígenas do Brasil**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2003.

SOARES, S. J. P. **Documentário e roteiro de cinemas: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, Tese (Doutorado em Multimeios), Universidade Estadual de Campinas, 2007.

ANEXOS

Figura 1 – Apresentação de Luzia Fernandes



FONTE: Imagem captada pela autora

Figura 2 – Vista da chegada na Aldeia Alto do Tambá



FONTE: Imagem captada pela autora

Figura 3 – Luzia Fernandes apresentando sua horta



FONTE: Imagem captada pela autora

Figura 4 – Luzia Fernandes ensinando como usa seu fogão



FONTE: Imagem captada pela autora

Figura 5 – Nathália Galdino chegando no Departamento de Enfermagem, na Universidade Federal da Paraíba



FONTE: Imagem captada pela autora

Figura 6 – Nathália Galdino na varanda do apartamento em que mora, em João Pessoa, Paraíba



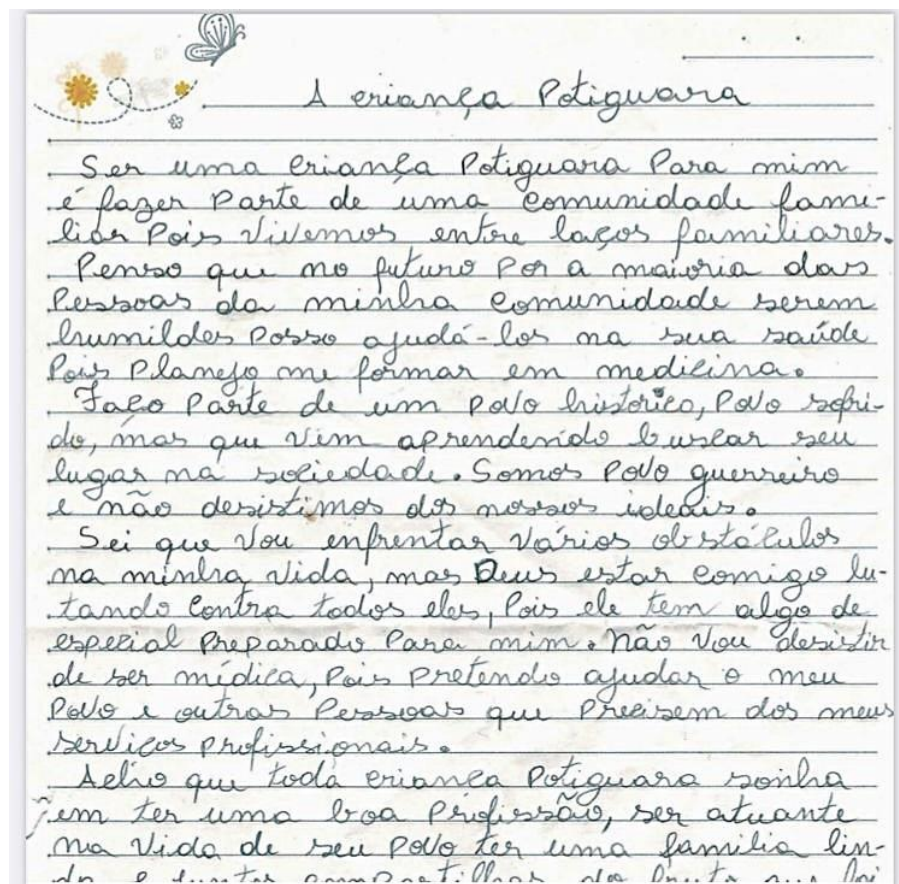
FONTE: Imagem captada pela autora

Figura 7 – Nathália Galdino mostrando os objetos indígenas que traz consigo para capital



FONTE: Imagem captada pela autora

Figura 8 – Manuscrito feito por Nathália Galdino em 2011, sobre a criança Potiguara



FONTE: DE LIMA, A. S. et al (2011, p. 25)